

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Março 1991





MISSÃO GLOBAL

PLANO 1

UNIÃO PORTUGUESA

«Buscando os ausentes»

Desejaríamos que este plano do nosso projecto de MISSÃO GLOBAL não ficasse no esquecimento.

Para isso, e em primeiro lugar, desejaríamos conhecer os nomes e moradas de todos os membros ausentes, adultos e jovens, de todas as igrejas e grupos.

Pedimos a todas as igrejas, e a todos os irmãos e irmãs, o favor de nos enviarem tais nomes e endereços. A esses irmãos, enviaremos, no fim deste trimestre, *um envelope* com algum material útil e interessante.

Entretanto, continuemos:

a) *a orar por estes irmãos*, colocando os seus nomes na lista de orações da igreja e dando-lhes a conhecer que vamos orar por eles (indicar o dia e a hora);

b) *a visitá-los*, interessando-nos pelos seus problemas e encorajando-os;

c) *a telefonar-lhes de vez em quando*;

d) e, sobretudo, a **amá-los!** «Quando a alma verdadeiramente convertida goza o amor de Deus, sente a sua obrigação de tomar o jugo com Cristo, e trabalhar em harmonia com Ele. [...] Anela levar outros a Jesus. Seu coração se desmancha de ternura ao ver o perigo em que estão as almas que se encontram longe de Cristo. Cuida das almas como alguém que deve prestar contas. Com convites e rogos, misturados com a certeza das promessas de Deus, procura ganhar almas para Cristo; e isso é registado nos livros de memória. É um colaborador de Deus.» (Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, p. 122.)

Todas as indicações deverão ser enviadas para o seguinte endereço:

MISSÃO GLOBAL

a/c J. Morgado
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Tel. (01) 537800

PENSAMENTO DO MÊS

«Para que fôssemos membros da família celeste, Ele tornou-se membro da família humana.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 614 (ed. de bolso).

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Março de 1991
Ano L • N.º 528

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 850\$00
Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 **Missão Global — Plano 1 União Portuguesa**
- 3 **Açores e Madeira**
Por J. Morgado
- 4 **Nós o Veremos No poder da Sua Palavra e Evangelho**
Por G. Ralph Thompson
- 7 **Conhecer a Jesus Cristo**
Por Georges Stéveny
- 9 **Juventude**
Páginas dedicadas aos Jovens, Tições, Desbravadores e Companheiros das Igrejas Adventistas em Portugal
- 13 **Ellen White fala a uma nova geração**
Por Thomas Siebold
- 14 **Sobrevivência sem operação cirúrgica**
Por Ronald Strasdowsky
- 16 **Notícias do Campo**

CAPA: Vista da cidade da Horta, ilha do Faial e igreja da Horta, com os obreiros dos Açores. Fotos cedidas por A. Nunes.

Açores e Madeira



E screvo no intervalo das reuniões de obreiros e anciãos das igrejas dos Açores, que estão decorrendo na nossa igreja da Horta, na ilha do Faial. Na semana anterior, estivemos com os obreiros, professores e o colportor da Madeira.

Foi um privilégio poder ouvir notícias sobre a maneira como o Senhor continua a dirigir a Sua obra nesta área. São igrejas que estão isoladas umas das outras pelo mar, o que não permite que se encontrem com facilidade, apesar de serem membros da mesma família espiritual.

Começámos a nossa viagem pela Madeira, onde tivemos contacto com o conselho da igreja, a quem pedimos para incentivar a igreja a colaborar no grande plano de MISSÃO GLOBAL. Neste momento, a igreja da Madeira tem 360 membros, divididos pelo Funchal e Porto Santo. Enquanto o Pastor Alberto Nunes passava o Sábado com a igreja do Funchal, transmitindo aos nossos irmãos os planos de evangelização, nós passámos o Sábado com o grupo do Porto Santo.

Nesse dia tivemos mais de 20 pessoas presentes, que, infelizmente, estão neste momento sem pastor. É um grupo isolado, que está a ser visitado unicamente aos Sábados. Esperamos que o Senhor nos ajude a encontrar rapidamente um obreiro para aquele lugar. Neste momento, para toda a Madeira, contamos com o Pastor Carlos Cordeiro e a assistente pastoral Maria do Carmo Brito. Está sendo feito um bom trabalho por ambos, e esperamos que os planos traçados possam ter bom êxito.

Nas instalações da igreja está funcionando a escola, que tem 72 alunos na secção Primária e Telescola. São professoras as irmãs Liliana Gil Teixeira, Lúcia Sousa e Nélia Velosa. Há

também uma aula de inglês que é proporcionada pela esposa do Pastor, Irmã Letícia. A escola goza de excelente reputação no seu meio.

O colportor Honório Correia assegura com êxito o trabalho na ilha da Madeira. Um grande número de livros e revistas estão sendo ali colocados anualmente.

Há ainda alguns desafios a que devemos dar resposta na ilha da Madeira, especialmente a abertura de uma sala na segunda cidade, o Machico. Já perdemos algum tempo, que teremos de remir.

Começámos a nossa visita aos Açores pela cidade de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, onde existem duas igrejas: uma na cidade e outra na Lomba de S. Pedro. A igreja de Ponta Delgada possui uma belíssima juventude. Na Lomba, precisamos de levar a efeito uma acção que desenvolva e fortaleça a nossa obra naquela área e isso será feito com a ajuda dos nossos irmãos de Ponta Delgada.

De S. Miguel passámos à Terceira, onde temos uma igreja em Angra e a antiga igreja da Serra de S. Tiago passou agora para novas instalações, na vila da Praia da Vitória. Estas igrejas estão a cargo do Pastor Jorge Machado. Cremos que uma nova era começará nesta área, dado que a igreja da Praia da Vitória pode agora atingir uma mais vasta área populacional.

No fim de semana de 8 a 10 de Fevereiro, juntámo-nos na cidade da Horta com todos os obreiros e anciãos das igrejas dos Açores: Pastor Mário Cabral dos Santos (S. Miguel) e irmãos Silva e Melo, respectivamente, de Ponta Delgada e Lomba de S. Pedro; Pastor Jorge Machado (Terceira) e irmão Maurício, da Praia da Vitória; de Angra, o irmão Carlos Ávila não esteve presente por motivo de doença; Pastor António Teixeira (Faial) e João Mendonça, do Pico, on-

de temos duas igrejas: Fetais da Piedade e Cais do Pico. Infelizmente, não temos neste vasto campo açoreano um único colportor. Quantas oportunidades estamos perdendo!

Nos dias que ali passámos, ouvimos relatórios do trabalho em cada ilha e traçámos planos para o futuro. Estas igrejas enfrentam problemas especiais de isolamento, de dificuldade em receber a tempo e horas o material necessário: trimensários, revistas, etc. Necessitam também de maior colaboração em planos de evangelização, planos de 5 Dias, e programas para os jovens. Tenho especial simpatia pelos nossos jovens que têm dificuldades em se reunirem com regularidade com aqueles que pertencem a igrejas do continente. Planejamos um acampamento para todos os jovens dos Açores, que terá, pensamos, a colaboração de alguns dirigentes do continente.

Já pensaram como poderíamos colaborar melhor com as igrejas das ilhas? Talvez algumas excursões, visitas isoladas, talvez algumas actividades de jovens realizadas no continente. Já pensaram em trocar correio ou mensagens com estas igrejas? Já pensaram como, às vezes, as coisas supérfluas em nossas igrejas fazem falta noutras? Porque não mantêm as igrejas do continente maior intercâmbio com as igrejas das ilhas? Porque não enviam uma palavra de ânimo aos obreiros que ali se encontram? Porque não escrevem os dirigentes de jovens uma mensagem aos de lá? Etc., etc.

Como poderíamos e deveríamos ser uma grande família!

Quero dizer aos nossos obreiros, irmãos e irmãs e jovens, das Ilhas, quanto apreciamos o seu esforço e que nunca esqueçamos que pertencemos todos àquele povo que se está dirigindo para a Nova Terra!

Joaquim Morgado



G. RALPH THOMPSON
Secretário da Conferência Geral

Nós o Veremos

No poder da Sua Palavra e Evangelho

Mensagem devocional apresentada na manhã do Sábado, dia 7 de Julho de 1990, à assembleia da Conferência Geral de Indianápolis.

«Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim» (João 12:32). «Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal» (I Tim. 1:15).

A Bíblia é um livro acerca de Deus e da Sua relação com a família humana. É a revelação escrita de Deus para a raça humana. Tal como os antigos pregadores costumavam fazer, podemos dividir a Bíblia em três partes: (1) a promessa do Velho Testamento de que um Salvador virá — o Messias vai vir; (2) a declaração dos Evangelhos de que o Salvador está aqui — o Messias já veio; e (3) a promessa do Novo Testamento de que o Salvador voltará — o Messias vai vir outra vez e nós O veremos!

A promessa de um Salvador

O Velho Testamento fala-nos da entrada do pecado no novo mundo de Deus, fala-nos de Adão e Eva saindo da mão de Deus sem mancha nem pecado, e do fantástico futuro de vida eterna diante deles. Tudo o que tinham a fazer era obedecerem e viverem.

Mas Deus fê-los agentes morais livres. Eles podiam escolher obedecer ou desobedecer. Um dia, escolheram desobedecer.

Que tragédia! Que desilusão! Todavia, a humanidade não foi deixada sem esperança. Muito tempo antes, na eternidade do passado, a Divindade fizera um pacto: se o homem exercesse a sua livre escolha para pecar, o Segundo Membro da Divindade viria voluntariamente à terra para dar a Sua vida pela nossa redenção. Deus não criou o pecado, mas criou um remédio para o pecado.

E deste modo, nessas magnificentes palavras, Deus deu o evangelho em miniatura, a grande controvérsia, numa cúpula embrionária, o *protoevangelium*, a base da nossa esperança: «E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar» (Gén. 3:15).

Assim começou para a família humana a luta contra os assaltos de Satanás — mas com a esperança e promessa aqui contidas de uma vitória final.

O resto do Velho Testamento é um contínuo lembrar desta promessa feita no Jardim do Éden aos nossos primeiros pais. Um Salvador há-de vir! O Messias virá! O Redentor está a caminho!

O sistema sacrificial, que começou com Adão e Eva e que continuou nos serviços do tabernáculo e do templo, apontava para o Cordeiro de Deus que haveria de vir em cumprimento da promessa de Génesis 3:15. Todo o plano da redenção, desde a entrada do pecado até à purificação do pecado, está contido no grande Livro, a Bíblia.

Algumas pessoas dos nossos dias parecem querer diminuir o Velho Testamento e elevar o Novo, mas ambos são a Palavra de Deus para hoje. O

Velho é o Novo Testamento encoberto e o Novo é o Velho Testamento revelado.

Dirigentes do mundo, em vários campos, têm exaltado a Bíblia:

Abraão Lincoln: «A respeito deste grande Livro, só tenho a dizer que ele é o melhor dom que Deus deu ao homem.»

George Washington: «É impossível governar rectamente sem Deus e a Bíblia.»

Rainha Vitória: «Este é o segredo da grandeza de Inglaterra, a Bíblia.»

John Wesley: «Quero saber uma só coisa — o caminho para o céu: como chegar são e salvo a essa bem-aventurada terra. O próprio Deus condescendeu em ensinar-nos o caminho. Escreveu-o num Livro! Oh, dai-me esse Livro! A qualquer preço, dai-me esse Livro.»

O Velho Testamento foi completamente cerca de 400 anos antes de Cristo; o Novo Testamento, cerca do ano 100 d.C. A Bíblia completa foi pois escrita durante mais de 1500 anos e por quase 40 homens diferentes. Que milagre são as suas origens, a sua preservação, a sua unidade, a sua beleza e o seu poder!

Há muitos anos, H. L. Hastings escreveu as seguintes palavras acerca da Bíblia: «Aqui estão palavras escritas por reis, por imperadores, príncipes, poetas, sábios, filósofos, pescadores, homens de estado; por homens conhecedores da sabedoria do Egipto, educados nas escolas de Babilónia, treinados aos pés dos rabis de Jerusalém. Foram escritas por homens no exílio, no deserto, em tendas de pastores, nos 'pastos verdes' e junto às 'águas tranquilas'. Entre os seus autores encon-

tramos o colector de impostos, o condutor de rebanhos, o colector do fruto do sicômoro; encontramos homens pobres, homens ricos, homens de estado, pregadores, exilados, capitães, legisladores, juízes; homens de todos os níveis e classes estão representados. ... Contém toda a espécie de escrita; mas que baralhada seria se 66 livros tivessem sido escritos desta maneira por homens comuns.

«Suponham, por exemplo, que tivéssemos 66 livros médicos escritos por 30 ou 40 doutores de várias escolas, ... que os encadernássemos todos juntos e que depois tentássemos doutorar um homem segundo aquele livro!... Ou suponhamos que tivéssemos 35 ministros religiosos a escrever livros de teologia e depois vejamos se é possível encontrar material de encadernação suficientemente forte para manter os livros todos juntos.» (H. L. Hastings, *Will The Old Book Stand?* p. 21.)

Por isso, meus amigos, a Bíblia é, de facto, um livro único. Como um cubo de granito, a Bíblia tem sempre o lado certo para cima, não importa quantas vezes a voltem para baixo, e deixa a sua marca onde quer que vá. Foi traduzida em mais língua e dialectos que qualquer outro livro. Alguém escreveu: «O império de César passou. As legiões de Roma estão desfeitas em pó; as avalanches que Napoleão arremessou pela Europa desapareceram; o orgulho dos faraós caiu; as pirâmides que eles construíram para seus túmulos estão-se afundando dia a dia nas areias do deserto; Tiro é uma rocha para as redes dos pescadores; Sodoma mal deixou algumas rochas; mas a Palavra de Deus sobrevive. Todas as coisas que ameaçavam extingui-la a ajudaram e ela prova cada dia quão transitório é o mais nobre monumento que o homem pode construir, mas quão perene a menor palavra que Deus tenha falado. A tradição tem tentado cavar-lhe uma sepultura; a intolerância acendeu para ela muitas fogueiras; muitos Judas a traíram com um beijo; muitos Demas a abandonaram; mas a Palavra de Deus ainda permanece.» (Citado em Arthur Lickey, *God Speaks to Modern Man*, p. 129).

O Messias veio

Neste glorioso livro encontramos a mais sublime e maravilhosa boa-nova

do Evangelho. Porque, tal como o Velho Testamento o indicava, o Messias está chegando. Os evangelhos dizem-nos que Ele veio. Como sabem, todas as ofertas no altar do sacrifício feitas no tabernáculo e no templo judaico não podiam extirpar o pecado. Apenas podiam apontar para o grande Antítipo — o Cordeiro de Deus que haveria de vir e tirar o pecado do mundo. Elas lembravam-nos de que o pecado é uma coisa terrível. Que exige sangue. Porque a Bíblia diz que «sem derramamento de sangue não há remissões» de pecados (Heb. 9:22).

Vejamos este ponto. Enoc e Elias foram trasladados sem verem a morte — antes da cruz. Moisés foi ressuscitado e levado para o céu — antes da cruz. Mas a sua vitória fundamentava-se na vitória de Cristo sobre o pecado e Satanás — na cruz. A esperança de todos os pecadores do Velho Testamento centrava-se em olhar para a frente, para a cruz. A esperança de todos os pecadores desde os tempos do Novo Testamento está em olhar para trás, para a cruz. Quando Deus Se fez homem, este foi o mais extraordinário acontecimento da história do mundo!

A Bíblia diz: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (João 1:14). «Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados» (Col. 1:14).

Graças a esta vitória, Cristo está qualificado para officiar como nosso Sumo Sacerdote no Santuário Celestial. «Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam, por toda a vida, sujeitos à servidão. Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão» (Heb. 2:14-16).

Por isso, vamos junto à cruz. À luz que dimana do Calvário, vemos a essência do evangelho. Agora, venham comigo à colina do Cólgota e contemplem o nosso Salvador sofrendo, esvaindo-se em sangue, morrendo. Vêde o Homem!

Há três cruzes no Monte do Calvário. Há três homens que vão ser mor-

tos. O Homem do meio está morrendo *pelo* pecado. O homem à Sua esquerda vai morrer *em* pecado. E o homem à Sua direita vai morrer *para* o pecado. Estas três cruzes têm sido referidas como a cruz da *redenção*. a cruz da *rejeição* e a cruz da *recepção*.

Jesus Cristo acabava de passar pela terrível prova do Getsemane em que orara: «Pai, se é possível, passe de mim este cálix» (Mat. 26:39). É bom lembrarmos-nos de que Jesus não tinha que morrer. Não tinha que suportar a ignomínia e vexame, a separação de Seu Pai, a terrível e traumática experiência da agonia de alma. Quando Ele orou, «se é possível», claro que era possível! Ele não tinha que beber daquele cálix de angústia. Não havia pecado n'Ele. O diabo nada tinha com Ele e Ele não tinha que morrer. Jesus estava a passar por indizível angústia, orando sozinho no jardim. Na Sua agonia de alma, grandes gotas de sangue começaram a cair para o solo.

«A humanidade do Filho de Deus tremia naquela probante hora. Não orava agora pelos discípulos, para que a fé deles não desfalecesse, mas por sua própria alma assediada de tentação e angústia. O tremendo momento chegara — aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Ainda não era demasiado tarde. Poderia enxugar da frente o suor de sangue e deixar perecer o homem em sua iniquidade. ... Trémulas caem as palavras dos pálibios de Jesus: 'Pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a Tua vontade.'» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 663, cap. 74.)

Permitam que vos lembre que, quando o plano da salvação foi posto em acção, Deus correu um grande risco, porque esvaziou o céu dos mais escolhido Dom para enviar à terra Aquele que era igual a Si mesmo, a fim de viver e morrer, com a possibilidade de falhar. É por isso que nós não podemos compreender plenamente o que a Encarnação significa realmente. Oh, o extraordinário e ímpar amor de Deus! A agonia do Getsemane! A vossa salvação e a minha tremendo na balança, e Jesus decidindo ir todo o caminho até ao Calvário!

Querem saber como é Jesus? Então, olhem para a cruz. Querem saber se Deus é amor? Então, olhem demoradamente para a cruz. Querem saber qual é a essência do evangelho? Então, olhem para a cruz.

Jesus está na cruz do meio, está morrendo *pele* pecado, mas o ladrão que está à Sua esquerda está morrendo *em* pecado. Ele toma parte na troca e escarnece: «Se tu és o Cristo, salva-te e salva-nos» (Luc. 23:39). Se Jesus tivesse descido da cruz, nós estaríamos perdidos. Ele poderia ter-Se salvo, mas não nos poderia salvar a nós. O homem na cruz da rejeição está mesmo junto a Jesus, que morre pelos pecados do mundo. Que oportunidade ele perdeu! Vai morrer no seu pecado, uma alma perdida, ali, mesmo ao lado do Salvador do mundo. Tão perto de Cristo, mas perdido!

Mas o ladrão que está na cruz da recepção, depois de repreender o seu companheiro, diz: «Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino» (v. 42). Que oração! Jesus em dor e angústia, mas tinha de responder àquela oração por perdão e auxílio. Jesus diz-lhe: «Em verdade te digo hoje [que] estarás comigo no paraíso» (v. 43). Aquele homem estava morrendo *para* o pecado, foi perdoado na undécima hora!

Sim, isto é salvação, perfeita e gratuita salvação para todo aquele que crê. Génesis 3:1 está plenamente cumprido em João 3:16: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» A pergunta que hoje se coloca é a seguinte: Conheço eu a Jesus Cristo? Aceitei eu este maravilhoso sacrifício? O preço já foi pago em meu favor no Calvário.

Ele voltará

Era sexta-feira à noite. Mas a manhã de domingo estava-se já aproximando. E quando chegou o momento de Jesus ressuscitar, todos os poderes do inferno juntos não O poderiam reter na sepultura. Assim Ele ressurgiu como poderoso conquistador da morte, batendo as portas do túmulo e do inferno com o triunfante grito: «Eu sou o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amén. E tenho as chaves da morte e do inferno» (Apoc. 1:18).

Para vós e eu, individualmente, a Ressurreição significa que não há nenhum hábito, nenhum pecado, que possa existir sob o poder libertador do Cristo ressurto. Tudo o que precisardes para obter a vitória — e não desejo saber o que é — vós o podeis ter, porque Cristo vive. É por isso que podemos cantar: «Sirvo um Salvador ressuscitado, que está hoje presente no mundo; Eu sei que Ele vive, não importa o que os homens possam dizer.» Esta é a grande diferença entre o Cristianismo e qualquer outra religião.

Graças a Deus que temos um Sumo Sacerdote. Temos um Advogado, Jesus Cristo, que é o único com credenciais para poder exercer tal mister perante o tribunal do céu. Permitam-me que vos diga algo mais: Ele nunca perdeu uma causa. Ele está à disposição de cada um de nós e diz: «Dá-me o teu coração; dá-me a tua vida.»

Crentes companheiros, membros de igreja, colegas pregadores, jovens e

mais idosos: já demos totalmente o nosso coração e as nossas vidas a Cristo? Ou há ainda coisas nas nossas vidas que precisemos de confessar-Lhe para que o poder do Cristo ressuscitado possa inundar as nossas vidas e purificar-nos de todo o pecado? Já O aceitámos realmente como nosso Senhor e Salvador que vive em nós? Se o fizermos, Ele aceitar-nos-á tal como somos, com todos os nossos pecados e fraquezas. Mas dar-nos-á alegria em vez de tristeza, vitória em vez de derrota, paz em lugar dos nossos corações perturbados e angustiados, luz em lugar de trevas, a unção do júbilo em vez do pranto, esperança em vez de desespero, fé em lugar de dúvida, felicidade em lugar de desgosto, força em vez da nossa debilidade e perdão em vez do nosso pecado.

Tudo isto pode ser nosso, aqui e agora, e no mundo vindouro, vida eterna. Que contrato! Que troca! Que Salvador!

Tu Tens

Tu tens
a força do trovão
que abala montanhas!
Tu tens
a força das águas
que correm p'ros mares!
Tu tens
a força do amor
que renova o mundo!
E tens
a força da vida,
onde a morte é vencida.
E eu queria ter
a semente da fé
que remove as montanhas,
na força desse amor
que Jesus nos deixou
neste mundo de dor!

Carmen Sala

Conhecer a Jesus Cristo

«Não há nada de mais belo, de mais profundo, de mais simpático, de mais razoável, de mais corajoso, de mais perfeito que Cristo.» (Fedor Mikhaïlovitch Dostoïevsky)

«Mais do que todas as outras, a religião cristã está profundamente enraizada na história, centrada sobre a pessoa de Jesus Cristo. Como observa Lacordaire, «o cristianismo é o maior fenómeno intelectual, social, numa palavra, algo de único, e, por consequência, de divino.»¹ Tirai-lhe Cristo, e não ficará mais nada. «A vida eterna, diz Jesus a Seu Pai, é que te conheçam [...] e a Jesus Cristo a quem enviaste» (João 17:3). «Quem me vê a mim vê o Pai» (João 14:9).

Jesus, aliás, preocupou-Se com o impacto que produzia: «Quem dizem os homens ser o Filho do homem?» (Mat. 16:13). Tal pergunta nunca mais abandonou os homens. Durante os três primeiros séculos da nossa era, as pessoas contentavam-se em cantar os hinos do Novo Testamento. Depois veio de Niceia (em 325) a Constantinopla (em 681) o tempo dos grandes concílios, que se aplicaram a cinzelar as fórmulas encarregadas de explicar o conteúdo da Revelação. Chama-se **crístologia** ao estudo da natureza de Cristo.²

Disso trata também o próprio Evangelho. E disso depende a nossa salvação. A Igreja deve ser capaz de proclamar com clareza quem é Jesus para nós, hoje, sob pena de não ter muito a dizer do próprio Deus. Isso é de tal modo verdade que duran-

te séculos ela baseou o seu ensino cristológico sobre a fé em Jesus-Deus. Hoje a tendência é partir antes da história.³ Não foi precisamente assim que se desenvolveu a experiência dos apóstolos? Primeiro, reconheceram em Jesus um mestre. A seguir, e de caminho, descobriram a Sua messianidade dentro do quadro da perspectiva judaica, isto é, no enquadramento de um nacionalismo exacerbado. Foi preciso que Jesus morresse e ressuscitasse para corrigir o seu erro e gerar uma fé mais esclarecida.

1. Jesus-homem

Jesus terá realmente sido um homem? A questão não é puramente académica. Porque a realidade da Sua humanidade condiciona o valor pedagógico do Seu exemplo (I Pedro 2:21). Ora, Jesus é várias vezes chamado homem.⁴ O Seu título predilecto foi «filho do homem», o qual aparece mais de oitenta vezes no Novo Testamento. No Antigo Testamento, tal expressão designa um homem, com todas as limitações de uma criatura indefesa e frágil. Em contrapartida, a literatura religiosa usa-a para descrever uma espécie de ser celestial enviado aos homens como Salvador. Mais específico ainda é o sentido que lhe dá a literatura apocalíptica judaica, onde se anuncia o juiz celeste dos últimos

dias. Este último uso influenciou certamente Jesus, que só à Sua parte emprega essa expressão cinquenta e cinco vezes.

O estudo atento dos evangelhos mostra claramente que Jesus foi plenamente homem. Ele conheceu o percurso de um homem, possuindo todas as características de um corpo humano, animado por todos os princípios que condicionam a nossa natureza: fome, sede, fadiga, sono, emoção, angústia, choro, amor. Ao passo que Deus não pode ser tentado pelo mal (Tiago 1:13), Jesus foi, como nós, tentado em todas as coisas (Heb. 4:15). Além disso, Ele humilhou-Se até à morte e morte de cruz (Fil. 2:5-11). Ora Deus, Senhor dos senhores, não pode morrer (I Tim. 6:15, 16).

Parece-nos ouvir aqui uma objecção: «Jesus não nasceu como todos os homens. Logo, Ele não podia ser um verdadeiro homem.»

De acordo com este raciocínio, Adão também não mereceria o título de homem, pois também ele não nasceu como todos os homens. Admitiríamos nós este raciocínio para todos os homens que não nasceram de um homem?

Durante toda a Sua vida na terra, Jesus dependeu completamente da Sua comunhão com Deus. Quando se trata do Seu ensino, Ele não fala de Si mesmo, mas de

acordo com o que o Pai Lhe ensinou (João 7:16, 17; 8:28; 12:49). Tratando-se dos Seus milagres, Ele nada faz por Si mesmo, mas Seu Pai Lhe responde dos céus (João 5:30; 6:38; 8:28; 11:41, 42). Ele teve de aprender a obediência ao preço de grande sofrimento e por ela foi elevado à perfeição (Heb. 5:7-10). Se algo há a reter é, sem dúvida, a integridade da natureza humana de Jesus.

2. Jesus-Deus

Renan, a despeito de todos os seus esforços para limitar Jesus às dimensões de um simples homem, confessou, no fim da sua vida: «Eu sou, ó Jesus, por ter suscitado o teu problema. Ele é demasiado pesado para mim, porque eu sou apenas um homem e tu eras algo mais.»⁵

Com efeito, homem algum pode suportar a comparação com Ele. O nosso mundo não está à Sua altura. A Sua relação com Deus não é comparável a nenhuma outra. Ele está no coração das Sagradas Escrituras, que sem Ele perderiam todo o significado. Sim, Ele era algo mais!

De facto, o Novo Testamento aplica-Lhe tudo o que o Velho Testamento diz de Deus. O Senhor é o meu pastor (Sal. 23:1), Jesus é o Bom Pastor (João 10:11). O Senhor é luz (Sal. 27:1); rocha (Sal. 18:2), vida (Sal. 27:1; Deut. 30:15). Do mesmo modo, Jesus é luz (João 1:4; 9:5), rocha (Mat. 16:18; I Cor. 10:4; I Ped. 2:7) e vida (João 11:25; 14:6). A lista poderia ser facilmente aumentada.

Não nos surpreendamos, portanto, ao descobrir na Bíblia numerosos sinais da Sua divindade. Em primeiro lugar, a Sua preexistência (João 17:5, 24; João 1:1,

14; 6:62; II Cor.8:9; Fil. 2:5-11; Col. 1:16). Ele era o enviado de Deus à terra (Mat. 10:40), e, segundo o direito judaico, deveria ser recebido como estando revestido dos plenos poderes do que O enviara. Todos os atributos divinos se encontram n'Ele: a vida (João 1:4), a santidade (Col. 1:7), a imutabilidade (Heb. 13:8), a onnipresença (Efés. 1:23; Col. 3:11), a onnipotência (Mat. 28:18)...

Vê-se também que Jesus participa na grande obra de Deus. Vemo-l'O associado à criação (Heb. 1:1, 2), ao julgamento (Actos 17:31), à ressurreição (João 6:40), à restauração final (Fil. 3:21). E, finalmente — coisa nunca ouvida acerca de um homem — Ele recebe as honras devidas a Deus (João 5:23), aceita a oração dos mártires (Actos 7:59) e a da Igreja (Apoc. 22:17-20). Honra e glória são-Lhe devidas como a Deus (Apoc. 5:1-14).

Há ainda um último passo: dar a Jesus o nome de Deus. Ora, os escritores inspirados não hesitam neste ponto, a despeito de uma certa reserva que se explica pela importância, na sua época, da crença monoteísta. Significativo é já o título de Senhor, frequentemente atribuído a Jesus, enquanto que o nome grego *Kurios* serve para traduzir, no Antigo Testamento, o nome santo de Deus *Yahvé*. O apóstolo João usa simplesmente o nome de Deus, *Theos* (João 1:1; 20:2). O apóstolo Paulo também, provavelmente, em Tito 2:13, que conviria traduzir: «Aguardando a bem-aventurada esperança e a epifania da glória do grande Deus que é nosso Salvador Jesus Cristo.» A epístola aos Hebreus é formal (1:8, 9).

O emprego da palavra *Filho* não deve enganar-nos.

Não exprime necessariamente a ideia de gerar e, por conseguinte, de um começo. «Filho» aparece frequentemente na Bíblia sem qualquer conotação fisiológica, só para exprimir a noção de relação. Jesus é o Filho unigênito de Deus porque Ele mantém com Seu Pai uma comunhão única, excepcional. A despeito da Sua submissão ao Pai, Jesus é Deus como Seu Pai. A propósito de Deus, não se poderia falar de origem, causa sem causa de todas as causas.

A revelação mais bela e simultaneamente mais perturbadora reside no elo que liga Cristo a tudo quanto vive. Ei-la, de acordo com o texto de João 1:3 e 4, lido no mais antigo manuscrito: «Todas as coisas se tornaram por ele (logos); nada se tornou sem ele; o que se tornou era vida nele, e a vida era a luz dos homens.»⁶ Este é, sem dúvida, o mistério mais extraordinário de toda a Bíblia: em Cristo encontra-se a fonte da nossa vida. Compreende-se melhor por que razão o apóstolo Paulo afirma que tudo foi criado *nele*, por ele e *para* ele (Col. 1:16). Mas a afirmação de Pedro, despida de toda a intolerância, ganha também nova luz: «Em nenhum outro há salvação» (Actos 4:12). Só aquele que deu a vida a pode tornar a dar àqueles que a perderam e que lha solicitam.

3. A Encarnação

Como é que Jesus passou do modo de ser divino ao modo de ser humano? O apóstolo Paulo responde: aniquilando-Se a Si mesmo (Fil. 2:5-11). É um mistério que escapa às estruturas da nossa razão. Digamos muito simplesmente que Jesus não perdeu a essência divina. Isso teria sido uma destruição. Jesus seria um no-

vo ser, sem lembrança de uma glória passada (João 17:5). Mas Ele despojou-Se dos atributos que constituem a glória de Deus para vir a esta terra, tornou-Se pobre, sendo rico (II Cor. 8:9). O verbo Se fez carne (João 1:14) nos limites e na caducidade da natureza humana.

Ele não Se tornou semelhante a Adão antes da queda, mas a Seus irmãos em estado de queda (Heb. 2:17). Deus enviou-O «em semelhança da carne do pecado» (Rom. 8:3). Ora Deus não criou Adão com uma carne «em semelhança da carne do pecado», sejam quais forem as reservas a observar a propósito da expressão grega *en homoiômati*, traduzida por «em semelhança».

Nesta conformidade — e isto é fundamental — existe uma nova diferença essencial entre Jesus e nós: Ele nasceu do Espírito Santo (Luc. 1:35). O que significa que Deus deu aos homens um novo começo. Jesus torna-Se o segundo e último Adão (I Cor. 15:45). Um Adão fundador, tal como o primeiro. Mas o primeiro, pela sua desobediência, gerou a morte. Ao passo que o segundo, pela Sua obediência, gera a vida (Rom. 5:18-21).

A encarnação prova que existe entre Deus e o homem uma eterna tendência a unir profundas afinidades. Se a verdadeira religião reside na capacidade de restabelecer a harmonia entre Deus e o homem, é em Cristo que o milagre se concretiza. «É vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim» (Gal. 2:20). A nossa fé em Cristo gera entre Ele e nós uma união sobrenatural, mas real e viva, através da qual nós partilhámos da Sua natureza, da Sua pessoa e da Sua história. Ele permanece em nós e nós

n'Ele. Tornamo-nos, então, participantes da natureza divina (II Ped. 1:4). O elo directo com Deus através do Espírito, restabelecido por Jesus por meio de miraculosa concepção, é-nos oferecido em Jesus Cristo, miraculosamente, através do novo nascimento, exprimindo-se no baptismo.

Conclusão

A Igreja tem a sagrada responsabilidade de tornar Jesus comunicável, se ousar dizer, para o resto do mundo. Descobrir Jesus é conhecer a Deus, é entrever a medida do homem, é compreender também que todos os homens são irmãos. Tal é a cristologia da Igreja Adventista.

1. J. B. Lacordaire, trigésima sétima Conferência.

2. Eis as principais teorias:

a) *Ebionismo*: aceita a mensagem espiritual de Jesus, mas rejeita a transcendência divina da pessoa.

b) *Docetismo*: a humanidade de Jesus é uma simples aparência. *Dokein*, em grego, significa «parecer».

c) *Adoptianismo*: monoteísmo puro. Jesus, homem comum, foi adoptado como filho de Deus.

d) *Modalismo*: um só Deus, manifesta-se sucessivamente sob o modo de Pai, depois de Filho, depois do Espírito Santo.

e) *Arianismo*: o logos é criado para servir de instrumento na criação. Cristo não é Deus mas um homem com alma divina.

f) *O concílio de Niceia* (325) reagiu: Jesus é Filho de Deus, unigênito, gerado do Pai, não criado, consubstancial com o Pai.

g) *Primeiro concílio de Constantinopla* (381): Jesus verdadeiro homem, dotado de um verdadeiro corpo humano e de uma verdadeira alma humana.

h) *Concílio de Éfeso* (431): Maria proclamada mãe de Deus. A humanidade de Jesus não é distinta da Sua divindade. Uma pessoa, duas naturezas.

i) *Calcedónia* (451): Um só é homem perfeito e Deus perfeito.

j) *Constantinopla II* (533): foi a segunda pessoa da trindade que se incarnou.

k) *Constantinopla III* (681): dualidade de energia, humana e divina.

3. O teólogo alemão, W. Pannenberg, no seu livro *Esquisse d'une christologie*, ed. do Cerf, 1971, preconiza antes a «cristologia de baixo», fundada sobre a morte e ressurreição de Cristo, do que a «cristologia de cima», que parte de Jesus reconhecido *a priori* como Deus.

4. Ver João 8:40, texto grego; Actos 2:22; 17:31; Rom. 5:15; I Cor. 15:21; I Tim. 2:5.

5. Ernest Renan, «Essai psychologique sur Jésus-Christ», escrito em Maio de 1845 e publicado em 1920, na *Revue de Paris*, número de 15 de Setembro.

6. Segundo o manuscrito Bodmer, do segundo século que, excepcionalmente, apresenta uma pontuação.

Juventude

N.º 1 – MARÇO 1991

PÁGINAS DEDICADAS AOS JOVENS, TIÇÕES, DESBRAVADORES E COMPANHEIROS DAS IGREJAS ADVENTISTAS EM PORTUGAL



ACAMPAMENTOS NACIONAIS

- * Acampamento de Tições
21 a 31 de Julho 1991
- * Acampamento de Famílias
31 de Julho a 11 de Agosto 1991
- * Curso de Dirigentes
11 a 18 de Agosto 1991
- * Acampamento de Desbravadores
18 a 28 de Agosto 1991
- * Acampamento de Jovens
28 de Agosto a 8 de Setembro 1991

CONDIÇÕES

- a. Preço dos Acampamentos:
Esc. 6.000\$00.
- b. Todas as inscrições deverão dar entrada no Departamento até dia 10 de Julho de 1991. Têm que vir assinadas pelo pastor da igreja e acompanhadas de 50% (3.000\$00).
- c. Limite de inscrições para cada acampamento - 150 (não serão aceites mais).
- d. Respeitaremos as idades, não permitindo que um jovem que não tenha a idade correspondente ao acampamento que pretende frequentar o faça.
- e. Todos os dirigentes que acompanham os jovens pagarão 50%. Máximo: um dirigente por cada seis elementos.





CAMPOREE - POPPI 1991

- * Recordamos que as inscrições são limitadas (oitenta), e que o prazo de entrega terminou a 28 de Fevereiro do corrente ano. A todos quantos estão interessados, aconselhamo-vos a que não deixem tudo para a última da hora.
- * Para substituir as eventuais desistências, aceitaremos ainda algumas inscrições em lista de espera.
- * Nos dias 9 e 10 de Junho haverá um encontro com todos os participantes, a fim de lhes serem dadas algumas instruções. Mais informações vos serão dadas oportunamente.
- * Como também já foi anunciado, realizar-se-á no Camporee uma cerimónia baptismal. Caso haja algum jovem participante que deseje baptizar-se lá, deverá escrever para a União e contactar o pastor da sua igreja.
- * Dirigentes do Camporee:
Alberto Pereira da Silva
José Eduardo Teixeira
Rogério Fernandes



ACTIVIDADES A NÍVEL NACIONAL

I ENCONTRO NACIONAL

14 de Abril de 1991

1. 10h00: encontro no parque do Rossio ao Sul do Tejo (Hipódromo)
2. Confraternização e almoço
3. Após o almoço:
 - a. Passeio por Abrantes
 - b. Cânticos ao ar livre
 - c. Medição de Tensão Arterial - Cada igreja deverá levar um aparelho

II 25 A 28 DE ABRIL DE 1991 2.º DECATLO À NOSSA MANEIRA

LOCAL:

Parque de Campismo do Calião
Vila Nova de Cacela
Vila Real de St.º António
ALGARVE

III PROJECTO ATLÂNTIS

Descida de rios, contactos com as populações, contacto missionário.



a. Expedição Douro II

1. Descida do rio Douro
2. Coordenador: Victor Alves
3. Segunda Quinzena de Agosto

b. Descida do Mondego

1. Coordenadores: Paulo Peixoto e José Pedro Domingos

Data: 9 a 13 de Fevereiro de 1991



IV PROJECTO ALIANÇA

Propõe-se levar a efeito um programa que incluirá:

- Escola Cristã de Férias
- Rastreio de Tensão Arterial
- Concertos
- Sketchs
- Testemunhos

a. Coordenador:

Pr. Júlio Carlos Santos

b. Data:

21 a 30 de Agosto de 1991

c. Local: Bragança

ACTIVIDADES REGIONAIS

ZONA NORTE

1. Encontro Infantil do Hino - Igreja de Oliveira do Douro
2. Dia do Desbravador - 9 de Março, na igreja de Espinho
3. Dia do Tição - 20 de Abril, na igreja de Avintes
4. Semana de Oração - 6 a 13 de Abril

ZONA CENTRO

1. 2 de Março - Convívio em Leiria com as igrejas da zona Centro
2. 28 a 31 de Março - Acampamento Regional Centro
Local: Viseu
Pr. António Rodrigues
Director de Campo: *Mário Oliveira*



ZONA DE LISBOA

1. 3 de Março - Encontro Desportivo (Ping-Pong) - Estádio 1.º de Maio
2. 21 de Abril - Rally-Paper
3. 29 a 31 de Março - Acampamento Regional da Zona de Lisboa e Sul
Local: Barragem de Campilhas (Alentejo)

ZONA SUL

1. Congresso Regional - Maio
2. Serão Musial em Faro - Agosto

INFORMAÇÕES

- * Dia do Companheiro - 26 de Outubro de 1991.
- * Na Comissão Regional da área Sul, a jovem Dejanira foi substituída por João Ribeiro.

SVA

Jovens que estão prestando serviço voluntário adventista em Oliveira do Douro:

Anabela Maria Pereira de Almeida
Ana Cristina dos Santos Gualdino
Ricardo Duarte
Carlos Duarte

Ellen White fala a uma nova geração

— Quão relevante é hoje um profeta do século XIX?

«Por favor, não metas Ellen White nisto!» foram as palavras que ouvi certa vez a uma colega, quando discutíamos problemas espirituais, no Colégio adventista que frequentávamos. E continuou: «Toda a minha vida Ellen White me tem sido apresentada para me dizer o que devo ou não devo fazer!»

Palavras como estas não são um caso esporádico. Lembro-me de muitos outros que apenas liam o Espírito de Profecia quando o tinham que fazer para as classes de Bíblia. Consideravam Ellen White como uma severa figura paternal que apenas produzia resmas de proibições. E mesmo os mais activos estudantes da escola pareciam, quando muito, tolerá-la como uma velha senhora de tempos idos, mas cujos escritos já não são importantes nos nossos dias.

Lembro-me, também, de duas jovens que me diziam que as suas avós eram índices ambulantes de Ellen White e garantiam que eram capazes de citar uma declaração do Espírito de Profecia para toda e qualquer situação. Isso parecia confirmar a sua opinião de que, de facto, Ellen White pertencia à geração das avós e que, nesta ordem de ideias, os seus escritos eram irrelevantes para a geração actual.

Anos mais tarde, e também numa escola adventis-

ta, havia jovens que achavam outras tantas razões para deixar os livros de Ellen White na prateleira. Falavam de teólogos que iam reexaminar os seus escritos, e outros faziam-se eco das acusações de plágio e inexactidão. Tais controvérsias davam àqueles que não gostavam de Ellen White ainda mais razões para ignorá-la. E pessoas que tinham usado citações da profetisa começaram subitamente a duvidar da sua autoridade. O argumento do autoritarismo passou para a questão da autoridade. Definitivamente, Ellen White não fazia parte da sua vida intelectual.

A princípio achei difícil compreender as razões desta impopularidade entre os jovens. Eu fui criado num lar adventista em que os livros do Espírito de Profecia estavam sempre à mão e podiam ser prontamente consultados. Às vezes nós oferecíamos exemplares de *O Grande Conflito* a amigos e vizinhos. No púlpito da igreja, os pastores faziam referência aos vários escritos de Ellen White e nunca ninguém reclamava. As obras de Ellen White complementavam o nosso estudo da Bíblia, mas nunca tomaram o seu lugar. Nós respeitávamos a irmã White, mas nunca a endeusávamos.

Enquanto estudei, continuei a ler os escritos de Ellen White. Lia-os frequente-

mente. Algumas vezes consultei-os para trabalhos escolares, mas muitas outras, por razões pessoais. A Ellen White que eu descobri não era a tal severa figura paternal e os seus escritos estavam bem longe de se mostrar caducos ou desactualizados. Ainda hoje eu me volto para esses conselhos e cada vez os acho mais importantes para os jovens e para a minha própria vida.

Lembro-me, por exemplo, dos seus conselhos sobre a escolha de uma profissão, sobre a maneira de usar o dinheiro, de adquirir boa saúde e como constituir um lar feliz. Ela diz-me o que eu devo fazer com as minhas dúvidas, chama-me a um serviço «mais elevado» e explica-me o extraordinário privilégio da oração. Em momentos de escuridão e desespero, as suas palavras animam-me, dão-me força e esperança. As suas mensagens são claras e o seu estilo é conciso. Ellen White dá mais vida às histórias da Bíblia, coloca sob nova luz os preciosos e oportunos princípios que se encontram nas Sagradas Escrituras e que são de todos os tempos. Ellen White conta de novo as histórias de Daniel, José e David — jovens que enfrentaram muitos dos dilemas que eu tenho de enfrentar hoje. E o mais importante é que ela me aponta constan-

temente a Jesus como o centro da minha fé.

Os críticos podem levantar novas dúvidas sobre Ellen White. Eu não posso nem devo ignorar as suas vozes. Mas eu examinarei as suas propostas e não deixarei que me convençam a abandonar esta extraordinária fonte de enriquecimento espiritual. Pretendo continuar o meu estudo das suas obras e partilhar com outros os tesouros que tiver encontrado no Espírito de Profecia.

Os livros de Ellen White continuarão a fazer parte dos meus programas de leitura. As suas palavras inspiradas têm-se provado verdadeiras na minha experiência pessoal. Estou certo de que Deus ainda fala à minha geração através dos escritos de Ellen White.

Thomas Siebold, aluno do Pacific Union College, tinha 24 anos quando escreveu este artigo, em 1987. A tradução foi feita por um jovem aluno do Colégio de Newbold, em Inglaterra, e foi-nos enviada pelo Serviço do Espírito de Profecia de Newbold.

Sobrevivência sem operação cirúrgica

— Uma parábola para os pais

Há alguns anos, uma estação de rádio americana, a AFN, difundiu um relatório sobre o após Guerra em Saigão. O locutor mostrava-se chocado por ver centenas de veteranos, com uma só perna, sentados à beira das estradas e pedindo esmola. «Muitas destas amputações poderiam ter sido evitadas se tivesse havido espaço suficiente nos hospitais, pessoal médico suficiente e suficiente tempo e dinheiro para tratamento adequado.» Na realidade, é preferível uma amputação à morte, mas a cirurgia, embora rápida e eficaz nem sempre é a melhor solução.

De certo modo, isto assemelha-se ao modo como se educam os filhos. Os resultados de uma pedagogia do tipo cirúrgico parecem imediatos, pelo menos durante algum tempo. Há uma longa tradição de moldar o carácter dos filhos através da força e do medo. Deu resultados no passado. Parece que continua a resultar, pois os que praticam tal pedagogia assim o confirmam. De facto, há muitas situações em que o professor ou pai se sente compelido a recorrer a métodos brutais só para poder sobreviver. D. H. Lawrence escreveu uma das mais interessantes histórias sobre a sobrevivência de um professor: *O arco-íris*. Ursula Brangwen decidira amar os seus 54 alunos e ser bondo-

sa e amável para todos eles, mas um dia, na sua superlotada sala de aulas, acaba por recorrer à força e tem de vergastar um aluno para o obrigar a obedecer e conseguir assim sobreviver como professora.

Imaginem uma pobre mãe num dos bairros pobres de Nairobi. Ela chega a casa, depois do trabalho, e encontra os seus cinco filhos em guerra uns com os outros. Acham que ela irá a uma biblioteca para ler e reflectir sobre algum plano de cinco anos que indique e promova uma mudança de comportamento sem recorrer a métodos coercivos? Não. O mais provável é que ela mesma grite e bata e de algum modo resolva aquela situação. Muitas vezes, qualquer acção decisiva será melhor do que não fazer nada. A acção é, geralmente, preferível a ser mero espectador dos acontecimentos. Contudo, existe a tentação de sobrestimar o sucesso de tal acção tomada em situações de emergência. Somos tão impressionados por uma vitória rápida! E alguns pais continuarão a usar medidas de emergência em tempo de paz e tranquilidade. Nada é mais convincente do que resultados imediatos e visíveis. E, todavia, os resultados rápidos podem ter custos a longo prazo. Sempre que possível, precisamos de orar por paciência e procu-

rar caminhos mais suaves para dirigir e educar os nossos filhos.

O método mais rápido nem sempre é o melhor. Em *primeiro lugar*, porque o tratamento severo das crianças pode ter um efeito mutilador nas crianças, principalmente se a acção rápida e impensada é associada a uma atitude de frieza e falta de amor. As crianças precisam de auto-estima para desenvolverem a sua capacidade de amar os outros e para estabelecerem relações humanas satisfatórias. Uma criança, e sobretudo um adolescente, não tem muitas probabilidades de obter uma auto-imagem positiva se for frequentemente subjugado por uma personalidade mais forte. A criança não necessita de sentir a superioridade desencorajante de um pai áspero: tem perfeita consciência desse facto. A severidade punitiva de certos pais produz frequentemente crianças subdesenvolvidas em termos de desenvolvimento psicológico, simplesmente porque o seu senso de inferioridade atrofia o seu crescimento naquilo que é a base de um desenvolvimento social: uma saudável auto-estima.

Do mesmo modo, as crianças que crescem numa atmosfera de agressão física ou verbal desenvolverão, provavelmente, um comportamento tímido ou retraído, ou então, em imitação de modelos parentais de êxito, tentarão, por sua vez, dominar pela força e pelo medo, seja nos jogos, na escola e até, muitas vezes, na vida adulta. De facto, tais pessoas ficariam bem equipadas para a sobrevivência numa sociedade tribal guerreira, al-

gures na selva, mas a sobrevivência numa sociedade democrática exige capacidades sociais bem desenvolvidas e poder de persuasão e cooperação.

Em *segundo lugar*, há o perigo de se operar um efeito adverso nos pais se eles não resistirem à tentação de esmagar rapidamente qualquer resistência, sem tomarem em linha de conta os custos de tal acção. Infelizmente, para sobreviverem, algumas simpáticas professoras e amoráveis mães têm de desempenhar o papel de feras inflexíveis para se imporem e sobreviver. Mas se tal papel for desempenhado muito frequentemente, ele pode tornar-se parte de nós mesmos. Alguns severos professores podem alcançar grandes alturas de respeito profissional, mas permanecerão eles gentis e sensíveis como eram na sua juventude? Há uma maneira subtil de as crianças ensinarem os seus pais através da sua resposta. Elas respondem mais depressa a métodos compulsivos e isso reforça ou recompensa a atitude dos pais, e, deste modo, são elas que moldam a atitude dos pais e fazem-no com maior êxito do que os pais as moldam a elas.

Em *terceiro lugar*, educar crianças de maneira autocrática e severa não recomenda para boas relações públicas. Na nossa cultura ocidental, com fortes tradições humanitárias e humanísticas, o Cristianismo é desacreditado quando pais cristãos usam métodos de educação severos e ríspidos. Há alguns anos, uma família missionária viveu em nossa casa durante determinado tempo. Um dos filhos dessa família estava a atravessar

um período difícil, acentuado pelos efeitos traumatizantes de ter sido obrigado a deixar a rotina habitual que seguia no campo missionário. Todas as noites, o ritual de ir para a cama era acompanhado de severas reprimendas, com muitos gritos e fúria. Embora não batessem no filho, os vizinhos do nosso apartamento poderiam ter telefonado à polícia ou à sociedade de protecção das crianças. O que seria de bom grado aceite noutras culturas criava na região em que vivíamos um preconceito contra o Cristianismo. De facto, bater nas crianças foi durante muito tempo associado com as escolas cristãs e com os lares de cristãos. Inúmeras histórias e filmes representam o piedoso Sr. Brocklehurst que espalha o terror entre crianças indefesas, como no livro de Bronte, *Jane Eyre*. Talvez possamos explicar tais pessoas de tempos antigos, dizendo que não conheciam melhores métodos, que não foram capazes de ver a floresta do amor de Deus na Bíblia, restringindo a sua visão a algumas árvores apenas, como as passagens de Provérbios, em que se fala da vara, sendo esta o único «instrumento de correcção» (Bronte). É claro que houve tempos em que a única maneira de curar uma dor de dentes era arrancá-lo, e sem anestesia. Mas hoje há todas as espécies de métodos para curar um dente sem provocar dor e sem extracção. Semelhantemente, temos hoje mais opções sem a força e a coerção. Os cristãos que insistem em seguir algum isolado versículo da Bíblia sem considerarem o contexto total do amor de Deus podem tornar-se culpados de perpetrar a ideia errada de Deus como um severo juiz. Se não fosse por outra razão,

só para alcançarem os seus vizinhos com o Evangelho, os pais cristãos deveriam repensar os seus métodos de educar os filhos, evitando suscitar preconceitos.

Como aprender novos métodos

Que auxílio existe para pais que desejem usar métodos de educação mais suaves? Como poderão tomar conhecimento de novas maneiras de lidar com os filhos e educá-los? Existe muito material que pode ser lido. Há também muitos conselhos que se podem obter através da discussão aberta e franca com aqueles que estão em posição de os fornecer. Mas, infelizmente, os pais cristãos, e particularmente a mãe, têm vergonha de admitir que têm problemas com os filhos. Como pode alguém, que professa que a fé e oração podem remover montanhas, falhar em «coisas tão pequenas»? É um curioso paradoxo o facto dos cristãos guardarem os problemas para si mesmos por recearem a condenação e sentirem-se envergonhados de admitir a sua frustração enquanto Deus e a Sua igreja são proclamados como amigos perdoadores e ajudadores. E é verdade que a igreja deseja ajudar. Há sempre gente na igreja que partilha o fardo dos pais e procura ajudá-los na educação dos filhos: a senhora que tem a responsabilidade do «rol-do-berço» pode ser um modelo de lidar com as crianças; os pastores que possuem formação sobre educação, também podem ajudar; o movimento dos Desbravadores, que embora não seja ainda bem conhecido e apoiado nas igrejas, também pode dar o seu contributo. A nossa igreja tem alguns líderes para jovens dos 6 aos 16 anos, mas pre-

cisa que mais voluntários da igreja se lhes juntem e colaborem nestas actividades nos fins de semana e nos acampamentos de Verão. O sistema adventista dos Desbravadores/Tições pode ajudar os jovens de três maneiras:

1. Os jovens e crianças precisam de companheiros da sua idade. O ideal seria terem o privilégio de frequentar uma escola da Igreja (como eu e meus filhos tivemos), mas onde isso não existir, os desbravadores são o ambiente social mais válido para receber influências cristãs.

2. É sempre útil falar das necessidades dos nossos filhos com alguém fora do círculo familiar. Um professor ou um dirigente dos desbravadores é uma pessoa ideal para esse fim. Como vêm eles o meu filho? Haverá alguma coisa que eles tenham notado nele e que eu deva saber? Há alguns anos, um pai teve a maior surpresa da sua vida ao tomar conhecimento de que a filha se sentia oprimida e incompreendida. Foi um sábio e habilidoso dirigente de jovens que

operou no sentido de desbloquear a situação e levar a jovem adolescente a compreender que a relação entre ela e os pais se podia modificar e alicerçar em novas bases de compreensão e liberdade.

3. Há pessoas que não têm emprego, ou estão reformadas, e que desejariam ter uma acção que aumentasse a sua auto-estima. A igreja pode proporcionar-lhes oportunidades de trabalharem com os jovens e crianças. Não é preciso ser-se jovem para trabalhar com os jovens e ser por eles aceite. Na realidade, a experiência de uma pessoa de 50 anos pode ser muito útil para guiar os jovens. Algumas vezes, os «ex-pais» já aprenderam com os seus próprios filhos maneiras mais suaves e gentis para lidar com os outros jovens. Agora estão em posição de poder aconselhar e encorajar — tanto as crianças e jovens, como os seus pais.

Ronald Strasdowsky é departamental de Educação da Divisão Euro-Africana.

Assembleia da União Angolana

Teve lugar na cidade de Huambo, a 25 de Janeiro deste ano, a Assembleia Administrativa da União dos Adventistas do Sétimo dia, que procedeu às seguintes eleições:

Presidente: *Vasco Cubenda*
Secretário: *Artur Augusto*
Tesoureiro: *Artur Alfredo*

Aos novos oficiais da União Angolana, agora eleitos, apresentamos votos das maiores bênçãos de Deus na consecução das suas novas responsabilidades.

Colégio de Oliveira do Douro

Reunião de Pais

O presente ano lectivo teve início no dia 19 de Setembro. Antes desse dia, porém, tendo em consideração toda a preparação necessária, foi efectuada uma reunião a que assistiram professores e empregados do Colégio e um número satisfatório de encarregados de educação. Esta reunião teve como principais objectivos a apresentação dos professores e empregados, dos directores de turma e do regulamento interno do Colégio.

Clubes

A escola é, todos sabemos, não só um centro de transmissão e recepção de informação, mas fundamentalmente, um centro de formação. O leque de disciplinas é grande, no entanto, nem sempre responde a todas as necessidades dos alunos. Por isso, o Colégio achou por bem criar diversos clubes, destinados a alunos que desejam desenvolver-se mais num ou noutro campo. Neste momento, funcionam os clubes de Música Cristã Inglesa, de Bíblia, de Fotografia, de Informática e de Descobrimientos. Estão previstos os clubes de Cerâmica, de Astronomia e Meteorologia e ainda o de Tecelagem.

Semana Cultural do Olival

Mais uma vez, o Colégio «saiu das suas quatro paredes», visando colaborar com outras escolas. Neste caso concreto, fez-se representar na Semana Cultural da Escola C+S do Olival, subordinada ao tema «Festas e Romarias do Concelho de Gaia», decorrida entre 18 e 22 de Junho de 1990.

O Colégio de O. Douro participou com:

- um trabalho de investigação sobre Camilo Castelo Branco e a romaria mais importante do séc. XIX em Oliveira do Douro;
- trabalhos de artes plásticas sobre o tema «O traje, modo de vestir de um povo»;
- uma exposição etnográfica

com alunos vestidos com trajes tradicionais da região;

— jogos tradicionais, nos quais foram ganhas cerca de uma centena de medalhas pelos alunos do Colégio;

— um sarau musical-cultural em que um grupo de professores apresentou canções tradicionais portuguesas;

— uma exposição de fotografia sobre o tema «Património».

Em termos globais, julgamos que tal participação foi bastante positiva, contribuindo também para uma maior e melhor divulgação do Colégio Adventista.

Semana Cultural do Colégio de O. Douro

De 25 a 29 de Junho decorreu a nossa semana cultural. Todos os alunos tiveram a oportunidade de participar em diversas visitas de estudo, em idas à piscina e em jogos tradicionais populares. Foram igualmente apresentados alguns filmes de vídeo e, durante toda a semana, estiveram expostos diversos trabalhos dos alunos. Os encarregados de educação, por sua vez, colaboraram nesta semana cultural, homenageando-nos com a sua presença na quinta-feira à noite. Tiveram, desta forma, a possibilidade de visitar a exposição dos trabalhos dos seus educandos e de assistir à apresentação de um breve sarau musical tradicional a cargo dos professores do Colégio.

Antigos alunos do Colégio

Embora o nosso colégio seja ainda muito adolescente, o certo é que alguns dos seus alunos o abandonaram há vários anos e, actualmente, encontram-se desempenhando já a sua actividade profissional. E se também é verdade que, quando adolescentes, certos alunos afirmaram já estar cansados de andar no Colégio, o facto é que onze desses antigos alunos provaram o contrário ao desejarem recordar velhos tempos, trabalhando neste estabele-

cimento de ensino. Com efeito, temos a integrar o corpo docente o **António Emídio**, a **Carolina Almeida**, o **Moisés Silva**, a **Noémia Moura**, a **Olga Mota** e a **Paula Tavares**. A trabalhar na secretaria está a **Adelina Neves** que, durante algum tempo, será coadjuvada pela **Silvia Maurício** e, finalmente, no serviço voluntário temos a **Cristina Gualdino**, o **Carlos Duarte** e o **Ricardo Duarte**.

Transformações do Colégio

É uma realidade que o Colégio se tem desenvolvido, sobretudo em termos de número de alunos. Ora, é evidente que esta evolução requer um melhoramento de instalações. A corresponder-lhe estão as alterações de que o presente ano lectivo já está beneficiando, a saber, o novo pavimento do Ginásio, as novas instalações balneárias para rapazes e as salas destinadas à administração.

Comemoração do Dia do Não-fumador

Ao observarmos que a sociedade actual nos apresenta adolescentes de dez, doze anos de idade que possuem já o vício de fumar, achámos por bem não deixar passar em vão o Dia do Não-fumador. Assim, uma equipa organizou algumas actividades de esclarecimento e de alerta a realizar no dia 16 de Novembro. Foi convidado o António Luís Castelo, estudante de Medicina, e este, além de se apresentar disposto a esclarecer dúvidas sobre o assunto, fez-se acompanhar de um filme bastante elucidativo («A contagem decrescente») e de alguns diapositivos. Os alunos, em geral, seguiram com interesse a sessão.

Olga Mota

Professora do Colégio de O. Douro

Igreja do Colégio de Oliveira do Douro: 2 Baptismos

A igreja Adventista do Colégio de Oliveira do Douro é talvez a mais jovem de Portugal, pois os

seus membros inscritos são na maioria alunos internos, com idades compreendidas entre os 12 e os 30 anos. Esta igreja conta ainda com alguns professores e seus familiares, assim como com empregados da instituição.

Na igreja mantemos em actividade os diversos departamentos para dar resposta às necessidades deste grupo de cerca de 60 pessoas. Muitos são aqueles que ainda não tomaram a decisão do baptismo (filhos de adventistas e de não adventistas). Por isso temos em actividade uma classe baptismal dirigida pelo pastor local, com um bom grupo de membros. Do empenho de todos os membros de igreja e da preparação efectuada nessa classe, alguns já se entregaram a Cristo e outros prepararam-se para que um dia isso venha a ser uma realidade nas suas vidas.

No primeiro ano de actividades, 1988/89, dois jovens tomaram essa decisão. No ano passado, 1989/90, este número duplicou de 2 para 4 membros baptizados. E no início deste terceiro ano, 1990/91, a 8 de Dezembro, tivemos a oportunidade de realizar mais uma cerimónia baptismal de 2 jovens: Sara Filipa da Gama Antunes (12 anos) e Rúben Burgo Mendes (15 anos).

Durante a realização da cerimónia foi feito um breve apelo aos presentes e vários foram os que manifestaram o desejo de se entregar definitivamente a Jesus. Sabemos que alguns, devido a vários condicionantes ou por timidez, não o fizeram de forma visível, mas aguardamos que o Senhor possa tocar as suas mentes na expectativa de os vermos também descer às águas baptismais.

Seria extraordinário se o Senhor nos concedesse a mesma proporção de crescimento que tivemos o ano passado: de dois baptismos duplicámos para quatro e que este ano pudéssemos ver duplicados esses quatro para oito. Que o Senhor junto à Sua Igreja todos aqueles que se hão-de salvar.

Isabel Nogueira
Secretária da Igreja

Escola de Coimbra

Face ao aumento de 36% no número de alunos matriculados, o Externato Adventista de Coimbra iniciou o corrente ano lectivo com um novo alento.

E a Escola tem estado «viva». Tem procurado promover o contacto dos alunos com o meio envolvente, através de várias visitas de estudo (Jardim Botânico - 3.º e 4.º anos; Padaria - todos; Mercado Municipal - 1.º e 2.º anos.). Tem igualmente procurado promover uma educação sã e cristã: para além das meditações diárias, o Pastor Daniel Silva tem apresentado quinzenalmente uma meditação especial documentada com diapositivos. Ponto alto são também as aulas extra-curriculares de francês e inglês.

De salientar, contudo, é a participação dos próprios alunos na vida escolar. Eles mesmos se agrupam, planeiam e ensaiam pequenas peças teatrais e canções que alegremente apresentam a toda a escola.

Bêta e Jorge Branquinho
Professores da Escola de Coimbra

Escola do Funchal

Começámos o ano lectivo de 1989/90 com alegria e entusiasmo. A nossa única tristeza era a de termos recusado a entrada literal de dezenas de crianças, cujas mães, algumas delas, se afastaram de nós a chorar. Mesmo assim, começámos o ano superlotados com 64 crianças na Primária e 24 alunos no Ciclo Preparatório.

Com a graça de Deus, cumprimos o calendário de actividades a que nos tínhamos proposto. Destacamos algumas delas. Na primeira reunião de Pais e Professores, preparámos um bom programa sobre os malefícios do tabaco. Os pais assistiram a uma palestra, a um filme e seguida-

mente a uma demonstração prática dos perigos do fumo, através do uso de dois manequins-fumadores. Os pais fumadores disseram-nos que lá em casa eram os próprios filhos, nossos alunos, que os aconselhavam a não fumar. Estavam pois muito gratos à escola por esta informação contínua que damos aos seus filhos.

A festa de Natal realizou-se a 17 de Dezembro, na igreja. Esta estava repleta de pais e amigos não-adventistas. Muitos nos têm dito que um dia, se os filhos se decidirem pela religião Adventista, não se lhes oporão. [...]

Uma outra experiência foi a Escola Cristã de Férias em Julho de 1990. As crianças eram quase todas alunos da nossa escola. Pela percentagem (81%) de alunos não-adventistas em relação aos adventistas, podemos considerar esta escola uma missão. Um só exemplo entre tantos, confirmará o que acabo de dizer.

A avó do Ricardinho faleceu. Quando o Ricardinho viu a sua mãe a chorar tanto, foi buscar o seu livro de estudo da Bíblia e leu-lhe uma passagem apropriada para a ocasião. O Ricardinho ainda só anda na 2.ª classe e à data do falecimento da avó, ainda não tinha feito 7 anos.

Pena é que nem tudo sejam rosas. Também temos os nossos espinhos. No presente ano lectivo não funciona o 1.º ano do Ciclo por razões económicas. Orem pelas nossas escolas e pelos seus professores, pois eles trabalham arduamente preparando crianças não só para esta vida, mas sobretudo para a eternidade.

Carlos Nobre Cordeiro
Pastor das Igrejas da Madeira

Escola de Lisboa

Seminário sobre o Apocalipse

Nos 2.º e 3.º períodos do ano lectivo o Pr. Júlio Santos levou a efeito nas aulas de Moral ao 9.º ano de escolaridade um Seminá-

rio sobre o livro do Apocalipse, em que procurou dar aos alunos uma visão diferente daquela que se tem à primeira vista do último livro da Sagrada Escritura. Esta acção foi implementada com a ajuda de lições que os alunos preparavam em casa, com orientações dadas na sala de aula.

Cerimónia Baptismal

Foi com uma sessão baptismal que decidimos encerrar o ano lectivo de 1989/90. O Sábado, dia 23 de Junho, foi a data escolhida. Estava na memória de todos a inédita cerimónia do ano anterior, quando onze alunos adolescentes decidiram entregar o seu coração a Jesus. Desta vez apenas uma aluna, dos doze ou treze que fizeram a classe baptismal, resolveu dar o passo decisivo. Seja como for, a cerimónia foi muito concorrida e o apelo final do Pr. Júlio Carlos Santos encontrou eco em vários jovens e adultos que deram disso público testemunho. O dever de semear vai sendo cumprido. O trabalho de colher o fruto caberá ao Senhor da seara.

Horácio Caprichoso
Director do Colégio de Lisboa

Escola de Setúbal

A Joana Andreia é uma aluna do 2.º ano de escolaridade. Tem sete anos. Há cerca de três meses, sua mãe procurou-nos para

nos fazer um pedido: «Como o padre não quer baptizar a Joaquina porque nós, os pais, não somos casados pela igreja, mas apenas pelo registo, gostaríamos que ela fosse baptizada nesta igreja, uma vez que ela quer seguir esta religião.» Marcámos um encontro com o pastor e a D. Dolores, e ele pô-la a par dos nossos princípios religiosos. A Joaquina está a frequentar a igreja aos Sábados e está integrada no clube de Tições. Pedimos a Deus que o seu desejo se concretize, vindo a ser membro da nossa igreja. [...]

Realizámos a nossa festa de fim-de-ano lectivo com a transição dos alunos finalistas do Jardim de Infância para a Primária e dos finalistas da Primária para o 2.º ciclo do Ensino Básico. Quase tudo preparado e apresentado pelos alunos. Representações teatrais, cânticos e no fim um belo lanche oferecido pelos pais, onde não faltaram bons e deliciosos alimentos.

A época de praia foi durante todo o mês de Julho e decorreu com muito entusiasmo de todos, principalmente da pequenada que, além de usufruir dos benefícios do contacto com o mar e o sol, também aproveitou para expandir a alegria de conviver e brincar à vontade num espaço aberto.

No passado dia 29 de Novembro, uma delegação desta escola foi recebida pelo Sr. Presidente da Câmara, em missão de agradecimento pela cedência do terreno onde esperamos, com a ajuda do Senhor, construir a escola



Setúbal. Ida aos Golfinhos de Miami — Jardim Zoológico de Lisboa.

nova. Mais uma vez o Sr. Presidente Mata Cáceres se mostrou extremamente simpático e pronto a mandar limpar o terreno, que se encontra neste momento cheio de entulho. Pedimos a Deus que o abençoe também na sua difícil tarefa aqui na cidade de Setúbal e que o livro que lhe deixámos possa produzir frutos para a eternidade.

Leonilde Dias

Directora da Escola de Setúbal



Vila do Conde. 2.º Acampamento

Escola de Santarém

Das actividades realizadas ainda no ano lectivo de 1989/90, há a salientar uma visita ao aquário Vasco da Gama, em Lisboa, e uma festa-convívio no encerramento do ano escolar.

No corrente ano lectivo a escola conta com duas novas professoras, **Maria de Lurdes Carvalho** e **Isabel Nobre Cordeiro**, que vieram substituir a Isabel Morais e a Alice Guedes.

O número de alunos desta escola tem vindo sempre a aumentar. Presentemente, há 46 alunos no 1.º Ciclo do Ensino Básico e 21 no Jardim de Infância.

Gustavo Samuel Grave

Departamental de Educação da União

Centro ATL de Vila do Conde

O Centro ATL de Vila do Conde surgiu em 1986. O seu começo foi semelhante ao de muitos outros projectos da nossa Igreja. Inicialmente apenas como um sonho, depois tentando avançar contra o desconhecido e a falta de alunos. Apenas tínhamos uma dúzia de crianças nesse ano. Sim, hoje dizemos «apenas», porque, pela graça de Deus, nos dois últimos anos o número de alunos

tem rondado os quarenta. Desajamos que este número se eleve à meia centena, a fim de podermos fazer face aos reptos económicos que se nos colocam. O crescimento deste Centro tem passado por muitos e variados reptos, alguns já vencidos e outros ainda por vencer.

Hoje, passados quatro anos, temos um Jardim de Infância com cerca de 23 crianças e um Centro de Ocupação de Tempos Livres com cerca de 15 alunos. O corpo docente da Escola é constituído por duas professoras e uma auxiliar. Este ano contamos com o apoio pedagógico de uma educadora de infância a tempo parcial. Para recolha e entrega dos alunos, temos este ano uma carrinha que foi comprada a meias com a Sociedade de Jovens da igreja local. Assim, serve tanto a escola durante a semana como a igreja ao fim-de-semana e nos períodos de férias escolares.

Pela experiência que temos tido, acreditamos que temos de apostar muito mais no Jardim de Infância, pois ele tem sido o suporte financeiro da Escola. Para isso, pensamos que seria muito importante termos salas só para esse efeito, fazendo algumas obras na nossa igreja. É extremamente desmotivador e esgotante desmontar um Jardim de Infância à sexta-feira e tornar a montá-lo à segunda-feira de manhã! Acreditamos que este objectivo também será atintido e estamos cer-

tos que outros objectivos, igualmente importantes, serão alcançados, pela graça de Deus.

Amélia Nóbrega

Directora do Centro ATL de Vila do Conde

Centro ATL de Vila Real

Oposição à obra de Deus

No ano passado, uma professora da qual tínhamos quatro alunos decidiu fazer guerra à nossa escola. Primeiro chamou à escola os pais dos alunos e disse-lhes que as crianças que frequentavam o nosso Centro eram as piores da turma e que levavam os deveres mal feitos para a escola. Essa crí-

tica não correspondia à verdade e os pais decidiram que os filhos continuariam a frequentar a nossa escola.

Vendo que não tinha atingido os seus objectivos, a professora decidiu marcar deveres diferentes para estes alunos e mais difíceis que os dos colegas.

O ano passou-se e no início deste ano a professora decidiu fazer mais alguma coisa para atingir os seus objectivos. Voltou a chamar os pais dos alunos e disse-lhes que, como eles estavam muito atrasados, ficaria com eles e dar-lhes-ia o apoio necessário. Perante isto uma mãe decidiu tirar a filha da nossa escola, com medo que a professora a penalizasse de algum modo, salientando, no entanto, que não tinha nada contra nós e que a sua escolha não tinha sido fácil.

Contudo os pais das outras três crianças disseram-nos que elas continuariam a frequentar o nosso Centro. «Não cedemos a chantagens» são palavras que os pais nos repetiam continuamente.

Fomos informados também pelos pais que a professora não recebe alunos dela, a não ser os da nossa escola, e que pede aos pais um pagamento igual ao que nós praticamos. Os pais sentem-se indignados com a situação e asseguram que os filhos continuarão a ser-nos confiados como até aqui. As crianças, o Zé, o Nuno e a Ana Cláudia, fizeram pressão para continuar connosco e a He-



Viagem de regresso, Lisboa-Vila Real.

lena (a criança que saiu) vem-nos visitar com frequência dizendo que gostava mais de vir para cá.

Graças a Deus que estamos perante pais informados e que não cedem a preconceitos, como a senhora que originou todo este processo. No entanto nós ficamos orando para que Deus continue dirigindo a Sua obra nesta cidade.

Isabel Matos

Professora do Centro ATL de Vila Real

Centro ATL de Viseu

Como o nosso Centro estava com um número muito reduzido de crianças nos Tempos Livres, resolvemos tentar iniciar uma creche, aceitando bebés a partir do 1.º mês de idade. Foram feitos folhetos que foram distribuídos por várias zonas da cidade e aguardámos que o Senhor fizesse o resto.

Quando em Setembro, depois do mês de férias, abrimos o nosso Centro, não sabíamos com quantas crianças iríamos começar o novo ano escolar. Certas tínhamos apenas quatro crianças (duas em idade escolar e duas pequenitas), mas logo na primeira semana começámos a fazer inscrições de bebés e algumas crianças em idade escolar. No final de Setembro tivemos que recusar alguns bebés por falta de camas e outras condições.

Presentemente temos doze bebés e mais três inscritos para entrarem em Janeiro, e temos onze crianças em idade escolar.

Helena Nogueira

Centro ATL de Viseu

Centro ATL de Ponte de Sôr

Depois de nos termos apercebido do insucesso escolar das crianças nesta região e de uma

grande parte frequentar explicações sem nenhuma preparação, começámos a pensar na possibilidade da abertura de um Centro de Ocupação de Tempos Livres. Teríamos assim a grande possibilidade de auxiliar crianças carentes (pais alcoólicos, violentos, prostituição e outros), necessitadas de apoio extra escolar. Promoveríamos ao mesmo tempo o nome da Igreja Adventista nestas paragens.

Começámos por ver os fundos da igreja local e se aguentaríamos o pagamento de uma renda e outras despesas. Com a oferta de duas irmãs para trabalharem em regime de voluntariado, sem usufruir qualquer remuneração, pensámos que seria possível. Procurámos instalações mas não foi possível alugarmos um local, uma vez que as rendas passavam os limites do razoável, 100 a 150 contos.

Perante este problema tomámos a decisão de abrir mesmo nas instalações da igreja, apesar desta não oferecer grandes condições. Poderíamos receber 10 alunos em cada turno, o que perfazia um total de 20 a 25 alunos no conjunto dos turnos.

Criámos a publicidade, afixámos cartazes e entregámos ao director da Escola Primária 360 folhetos para que fossem dados às professoras que, por sua vez, os distribuíram pelos 360 alunos da escola.

Depois de feita a distribuição, começaram a chover os telefonemas. No folheto não era mencionado o local de funcionamento. Normalmente as pessoas mostravam-se muito interessadas, mas depois de tomarem conhecimento de que as actividades teriam lugar nas instalações da Igreja Adventista do Sétimo Dia, não apareciam para concretizar a inscrição.

Assim, temos até ao momento, 3 alunos não adventistas e 2 adventistas. Esperamos e confiamos que, se for da vontade de Deus, este Centro se desenvolverá e crescerá, sendo removidos

todos os preconceitos e obstáculos.

Quero agradecer duma maneira especial à minha mulher, pelo apoio e dedicação que tem dado a este projecto, bem como à ir-

mã Helena Marques, pela sua preciosa ajuda.

Daniel Vicente

Pastor da igreja de Ponte de Sôr

— Notícias extraídas do *Boletim de Educação*, 2.º semestre de 1990.

Convenção de Colportores-Evangelistas

«Eis-me aqui, envia-me a mim».

Este foi o lema escolhido para a convenção de Colportores-Evangelistas da União Portuguesa, que decorreu de 16 a 19 de Dezembro último, no Luso. Embora esta divisa, tenha sido usada com muita frequência e por muitos pronunciada, ela revestiu-se de um significado muito especial quando é enquadrada no espírito de «MISSÃO GLOBAL» e pensamos no papel que cada missionário da página impressa desempenha nesta estratégia. Deste modo, o Departamento de Publicações, em colaboração com a Publicadora Atlântico, teve a preocupação de preparar um programa que pudesse corresponder a este desafio, tendo em vista a motivação de cada colporteur para o nobre trabalho que é de ir de casa em casa, como arauto das boas-novas da salvação.

Um colporteur de êxito tem necessariamente de ter por detrás de si um bom suporte familiar. Assim, foi também estendido o convite às esposas e aos filhos dos C.E. para participarem neste encontro, com programas especialmente preparados para cada um dos grupos. Neste sentido, foi solicitada a colaboração do Pr. Ezequiel Quintino e da sua esposa, irmã Natividade Quintino, que em cada dia se ocuparam da apresentação de assuntos subordinados ao tema geral: «Harmonia Conjugal».

Em cada manhã, tivemos o ensejo de escutar e apreciar as mensagens que o Pr. Ezequiel parti-

lhava connosco. Após o pequeno almoço, os momentos que se seguiam eram preenchidos pelo Departamento ou pela Publicadora. Enquanto isso, a irmã Natividade reunia-se com as esposas, analisando «O Perfil do Colporteur-Evangelista».

A irmã Lina Costa, coadjuvada pela Dra. Maria Augusta Lopes e outras colaboradoras, ocupava-se das crianças, proporcionando-lhes um programa diversificado em que foram incluídos passatempos culturais, vídeos, histórias, dobragens, diapositivos, jogos e passeios na natureza.

O Pr. Joaquim Sabino dirigiu-se também às irmãs, no sentido de colaborarem na organização das finanças do lar.

A parte da tarde era passada em conjunto, e a primeira hora iniciava-se com o tema da «Harmonia Conjugal», apresentado pelo casal Quintino. Nesse período, o irmão Fernando Ferreira, os adjuntos Artur Guimarães e Domingos Freixo trataram temas sobre Motivação e Métodos de Trabalho. Ainda na vertente da família, o Pr. Sabino teceu algumas considerações sobre «Cooperação Familiar» e «Como Ultrapassar os Conflitos».

Ao serão não faltaram as enriquecedoras experiências missionárias relacionadas com o trabalho efectuado e que constituíram um incentivo para novos empreendimentos.

Na última noite, os filhos quiseram presentear todo o grupo com um pequeno programa de

sketches, adivinhas, anedotas, extraídos da revista *Nosso Amiguinho* e músicas diversas. Por sua vez, alguns pais também trouxeram alegria e boa disposição aos momentos passados em conjunto, em sã camaradagem e recreação.

A hora da despedida chegou e o encerramento deste encontro

culminou com uma cerimónia singela, mas muito significativa: a entrega de várias placas comemorativas a diversos colportores que completaram 10 e 20 anos ao serviço do mestre, e de uma placa que se revestiu de um significado muito especial, entregue ao irmão Isaías da Silva, pelos seus

40 anos de dedicação, esforço, abnegação, espírito de sacrifício e coragem manifestados ao longo de todos estes anos e que constituiu um motivo de alegria e louvor para o nosso Deus.

Podemos afirmar que foi um programa recheado de bons momentos e úteis conselhos que to-

dos, por certo, irão aproveitar para encarar com ânimo redobrado a Missão Global como um projecto e um repto que conduzirá à vitória final.

Lurdes Silva
Secretária do Departamento de Publicações

PARA OS MAIS NOVOS



O SAL

Em tempos antigos, antes de Jesus ter vindo a esta terra, os Israelitas foram instruídos a oferecer sacrifícios a Deus, os quais eram símbolos do mesmo Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. E, coisa interessante, Deus mandou que essas ofertas fossem sempre acompanhadas de sal (Levítico 2:13). Porquê?

O sal era algo de muito precioso. Naquele tempo só havia duas maneiras de se obter o sal e qualquer delas era muito difícil. Por isso o sal tinha tanto valor. Alguns, como os Romanos, escavavam o solo para o obter e de facto, havia rochas que tinham sal. Eram essas pedras que eram usadas em cozidos e outras preparações culinárias, mas que, pouco a pouco, perdiam o seu sabor e deixavam de ter utilidade, deitando-se fora. No Sermão da Montanha, Jesus fala

de «sal insípido», isto é, sal que perdeu todo o sabor e não serve para mais nada.

O outro método de se obter sal, sal puro, era deixar a água evaporar ao sol. Os Fenícios e os Israelitas tiravam a água do Mar, sobretudo do Mar Morto, que é muito salgada, e deixavam-na evaporar. Iam juntando o sal em montes. Este processo existe ainda hoje em muitos países, como Portugal, que tem diversas salinas, isto é, sítios onde se extrai o sal do mar.

O sal era, depois, enviado para outros lugares e a maior parte ia em caravanas de camelos. Cada camelo transportava entre 125 a 150 quilos. Se o sal que nós hoje usamos tivesse de ser transportado desta maneira, nós certamente teríamos muito mais cuidado com ele.

A verdade é que o sal continuou a ter um grande valor durante muitos séculos. Na Idade Média, o sal era tão precioso que, se alguém o derramasse, as pessoas acreditavam que isso era causado pelo diabo e que, portanto, trazia azar, infelicidade.

Hoje, nós consideramos o sal como a coisa mais natural do mundo e a não ser por ra-

zões de saúde, temos até a tendência de abusar dele. Não é que o sal não seja importante para o nosso corpo. É até muito importante e casos há em que uma solução de sal pode até substituir algumas perdas de sangue e manter uma pessoa em vida.

Todavia, há algo de muito estranho em tudo isto, sobretudo quando se sabe que o sal é constituído por dois venenos! Imaginem! Os dois elementos que formam o sal — o sódio e o cloro — são realmente venenosos para o corpo humano. No entanto, quando combinados, não nos fazem mal nenhum.

Eram capazes de imaginar um mundo sem sal? Ninguém poderia viver nele. Se se retirasse do corpo de uma pessoa todo o sal, ela morreria em menos de 48 horas.

Quando Jesus diz que os crentes são «o sal da terra», Ele não nos compara apenas a um sabor agradável. Diz que são os crentes que mantêm o mundo espiritualmente vivo. — AR, adaptado.

